

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**VICTOR ANDERSON PEREIRA SANTOS**

**UM ESTUDO DO CONCEITO DE VONTADE DE VERDADE NO  
PENSAMENTO DE NIETZSCHE**

**JOÃO PESSOA**

**2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**VICTOR ANDERSON PEREIRA SANTOS**

**UM ESTUDO DO CONCEITO DE VONTADE DE VERDADE NO  
PENSAMENTO DE NIETZSCHE**

**JOÃO PESSOA**

**2019**

## FICHA CATALOGRÁFICA

VICTOR ANDERSON PEREIRA SANTOS

VICTOR ANDERSON PEREIRA SANTOS


**UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE VONTADE DE  
VERDADE NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

RESULTADO: APROVADO NOTA: 8,5

João Pessoa, 27 de Setembro de 2019.

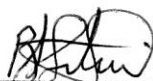
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Robson Costa Cordeiro (orientador)  
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Miguel Antonio do Nascimento  
(examinador) Universidade  
Federal da Paraíba



Prof. Dr. Bartolomeu Leite da Silva  
(examinador) Universidade  
Federal da Paraíba

““Toda verdade é simples.” – Isto não é uma dupla mentira? -”

(Friedrich Nietzsche, Crepúsculo dos ídolos, pág. 9, §4)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é caracterizar o conceito de vontade de verdade no interior do pensamento de Nietzsche. Para isso nós teremos que realizar um processo de interpretação daquilo que alguns comentadores caracterizam como a parte esotérica da filosofia nietzscheana, pois seu pensamento opera a partir de uma ruptura com esquemas de pensamento dogmáticos e comprometidos com o ideal da verdade. Uma vez apresentado o conceito, passaremos então a fazer as conexões devidas com outros conceitos que determinam a vontade de verdade e o seu sentido no conjunto da obra do pensamento de Nietzsche.

**Palavras-chave:** Vontade de verdade; vontade de poder; tradição filosófica.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to characterize the concept of will of truth within Nietzsche's thinking. For this we will have to perform a process of interpretation of what some commentators characterize as the esoteric part of Nietzschean philosophy, for his thought operates from a rupture with dogmatic thoughts schemes and committed to the ideal of truth. Once the concepts that determine the desire for truth and its meaning in the whole of the work of Nietzsche's thought.

**Key-words:** Will to truth; will to power; philosophical tradition.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. QUE É VONTADE DE VERDADE?</b> .....	12
1.1 O embate entre Platão e Nietzsche.....	17
<b>2. A ELUCIDAÇÃO DO CONCEITO DE VONTADE DE PODER</b> .....	24
2.1 A dinâmica entre vontade de verdade e vontade de poder.....	26
<b>CONCLUSÃO</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

A tese dessa pesquisa, que ora apresentamos, consistirá numa busca pelo sentido fundamental do conceito de vontade de verdade (Wille zur Wahrheit) no pensamento de Nietzsche. O conceito é apresentado por ele em diversos escritos como; *Além de bem e mal*, *Assim falava Zarathustra*, *A gaia ciência* e fragmentos póstumos. Sendo principalmente caracterizado como uma configuração reativa da vontade de poder (Wille zur Macht). Também pode ser descrita como uma força que impele a consciência filosófica a fazer da filosofia uma busca incessante pela verdade, engessando o espírito criador e artístico do autor.

Num primeiro momento, trataremos de elucidar o conceito de vontade de verdade no pensamento de Nietzsche, diferenciando sua concepção da noção de vontade de poder, outro conceito importante na nossa investigação. Em seguida, abordaremos duas imagens criadas por Nietzsche para representar esse conceito; a primeira é apresentada em *Além de bem e mal*, que é o da Esfinge, Édipo e seus papéis de questionador e questionado. A segunda é a imagem *Das três metamorfoses do espírito*, apresentada em *Assim falava Zarathustra*, que tem por fim, mostrar como se dá a transformação da consciência filosófica em uma consciência livre e pronta para efetivar uma nova experiência do pensamento, não mais tendo o peso da verdade como valor, mas o espírito criativo da arte como condutor.

A associação das figuras revela também uma relação de ligação entre às duas obras<sup>1</sup>, a saber; *Além de bem e mal* e *Assim falava Zarathustra*, em que ambas procuram expressar os mesmos problemas pensados pelo autor, mas com linguagens completamente diferentes. *Além de bem e mal* possui uma linguagem que se vale de aforismos e sentenças, já o *Zarathustra* é um conto que utiliza um personagem fictício para expressar as ideias do autor e isso faz do *Zarathustra* uma forma poética de comunicar seu pensamento.

Posteriormente, teremos de efetuar uma investigação com a finalidade de entender a relação entre Platão e Nietzsche, pois segundo Nietzsche, Platão é responsável por ter posto o ideal da verdade como a meta de todo filosofar ocidental,

---

<sup>1</sup> Numa carta para Jacob Burckhardt (22 de setembro de 1886) (KSB 7:254) , nos conta que: “Além de bem e mal diz as mesmas coisas que meu Zarathustra , mas de modo diferente, muito diferente”(http://www.nietzschesource.org).

logo, avaliar a crítica dirigida por Nietzsche à Platão indicará o caminho para a busca efetiva do sentido de vontade de verdade e assim resolver o enigma que a Esfinge propõe.

No segundo capítulo, vamos expor a definição de vontade de poder e de como ela se relaciona com o conceito de vontade de verdade. Revelando uma associação de simbiose que existe entre ambas. Vontade de poder será caracterizada como uma pulsão (Trieb) que impele para a criação artística, enquanto vontade de verdade é entendida como um aspecto muito particular da vontade de poder. Como fonte da criação teórica, do fazer científico, mas que por muito tempo obliterou qualquer tentativa de vazão da vontade plástica e modeladora da arte, invalidando todo discurso poético que tinha por finalidade descrever a realidade.

A filosofia, por muito tempo, silenciou a arte, impediu-a de falar sobre si própria, tomou para si a iniciativa dos discursos que antes pertenciam aos poetas. Isso fica muito explícito no livro II da república de Platão, quando Sócrates argumenta que os poetas não possuem a competência para encaminhar a polis por meio do discurso poético, já que este é corrompido e é fonte tanto da virtude quanto da imoralidade, logo devem ser prontamente censurados na polis, para que não comprometam o andamento da mesma<sup>2</sup>. Foi esse tipo de censura moral que prevaleceu no ocidente durante todo o período pós Platão e que encontra eco na religião judaico-cristã, na ciência e na filosofia. Não é sem razão que o filósofo Whitehead declara ser a história da filosofia uma série de notas de rodapé da filosofia de Platão.

Mas, o platonismo só conseguiu prevalecer triunfante graças ao surgimento do cristianismo, que segundo Nietzsche é: “platonismo para o povo”<sup>3</sup>, logo é indispensável apresentar a crítica que Nietzsche faz ao cristianismo, tanto da perspectiva moral como da psíquica, pois se trata de uma crítica psicológica<sup>4</sup>.

A filosofia de Nietzsche é apresentada, nesse trabalho, como uma denúncia da complexa história do pensamento ocidental. Que foi completamente tomada pelo ideal platônico

---

<sup>2</sup>“Pediremos a Homero e aos demais poetas que não nos levem a mal riscarmos todas essas passagens e outras do mesmo tipo; não procedemos desse modo por considerá-las pouco poéticas ou desagradáveis para o ouvido do povo. Ao contrário! Quanto mais belas forem poeticamente, menos indicadas serão para rapazes e homens que tenham de viver livres e rezear mais a escravidão que a morte.” (PLATÃO, A república. 387 B)

<sup>3</sup> NIETZSCHE, Além de bem e mal. Paulo Cezar de Souza, São Paulo, Companhia das letras. Pág 8.

<sup>4</sup> “Não pode ser poupada à humanidade a visão cruel da mesa de dissecação psicológica e de suas pinças e bisturis [...] já se começa a ver que produtos da mais séria natureza crescem no solo da observação psicológica” (NIETZSCHE, Humano, demasiado humano. §39).

da verdade, porém sua filosofia não pode ser resumida numa simples denúncia, mas trata-se, antes de tudo, de uma confrontação<sup>5</sup>, em que o próprio Nietzsche se revela cada vez mais na medida em que confronta o pensamento platônico.

Nietzsche voluntariamente acolhe a ideia de que a filosofia é um combate, muito provavelmente por influência de Heráclito, que diz: “De todas as coisas a guerra é pai”<sup>6</sup>, entendendo que desse combate algo completamente novo possa surgir no seio da filosofia. Seu embate então não é contra Platão, mas contra todos os filósofos, que levados pelo platonismo, não fizeram o questionamento fundamental, que é a pergunta sobre o valor da verdade.

O valor da verdade é uma questão central no pensamento de Nietzsche e está subjacente ao conceito de vontade de verdade, pois tal pergunta foi renegada pela filosofia até então, apenas tomada a priori como fundamento da filosofia em geral, jamais posta como questão. Nesse trabalho, nós exploraremos essa questão levantada por Nietzsche, uma vez que o valor da verdade como questão filosófica só ganha relevância a partir da imensa tensão que a tradição da filosofia exerce sobremaneira no autor e que buscaremos apresentar através desse trabalho.

---

<sup>5</sup> “É em meio à confrontação e só aí que o próprio a cada um dos dois se mostra em sua determinação efetiva” (HEIDEGGER, Nietzsche. Trad; Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária. Pág6).

<sup>6</sup> Conservamos o original em grego: “πόλεμος πάνθ' ἄγειν πατὴρ ἐστίν”. (HERÁCLITO, Fragmentos contextualizados. Alexandre Costa, São Paulo, Odysseus. Frag LIII).

## CAPÍTULO 1

### QUE É VONTADE DE VERDADE?

O conceito de ‘vontade de verdade’ é apresentado, de maneira mais explícita na obra de Nietzsche, no primeiro aforismo de *Além de bem e mal*, representado pela imagem de uma esfinge<sup>7</sup>. Essa figura é fundamental para a elucidação do problema, pois a esfinge é um ente que não oblitera aqueles que cruzam seu caminho de maneira insensata como outros monstros da mitologia o fazem, mas antes, propõe enigmas para aqueles que a desafiam.

De forma análoga, a vontade de verdade impõe questões para os filósofos, e aceitando a suposição posta por Nietzsche no capítulo introdutório de *Além de bem e mal* de que a verdade é uma mulher e que os filósofos buscaram conquistá-la por meios ineptos, a figura da esfinge se faz ainda mais oportuna para a exposição do problema, pois o prêmio para aquele que conseguisse desvendar o seu enigma seria a mão da rainha Jocasta<sup>8</sup>. Portanto, puseram-se diante dessa esfinge todos os filósofos dogmáticos, que seduzidos pelo ideal da verdade, tentaram resolver o enigma através do dogmatismo e de toda sorte de elucubrações metafísicas. Porém não obtiveram sucesso, a questão permaneceu em aberto até o derradeiro ataque kantiano aos fundamentos da metafísica.

A revolução engendrada por Kant no âmbito do pensamento foi muito mais significativa do que uma simples substituição de um modelo antigo de pensar. No qual o pensamento deveria se adequar a coisa, para um modelo em que a coisa é que se adequa ao pensamento. Quando se operou essa mudança de paradigma todas as pretensões da filosofia dogmática foram enterradas e com elas o ideal de verdade. O acontecimento<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> “Essa esfinge que animava a reflexão e colocava na boca dos filósofos as questões que estes formulavam por si mesmos” (GIACÓIA, Nietzsche e para além de bem e mal, Zahar, p. 11).

<sup>8</sup> Jocasta foi na mitologia grega, filha de Meneceu e mulher de Laio, rei de Tebas, com quem teve um filho, Édipo.

<sup>9</sup> Acontecimento é um termo utilizado pela filosofia francesa contemporânea (especialmente por Deleuze, Foucault e Veyne), que conscientemente retoma uma categoria estoica não utilizada como filosófica pela história da filosofia. Segundo Deleuze, o acontecimento ideal é “um conjunto de singularidades, de pontos singulares que caracterizam uma curva matemática, um estado de coisas físico, uma pessoa psicológica e moral” (Lógica do sentido, trad. Luiz Roberto Salinas Forte, São Paulo, Editora

Kant na história da filosofia introduz um novo personagem da tragédia filosófica que também aparece em *Além de bem e mal* e que é comum do mito que envolve a esfinge, a saber; Édipo<sup>10</sup>.

Édipo é então a representação da consciência filosófica e figura arquetípica do filósofo. Podemos até afirmar que Édipo seria para Nietzsche um proto-filósofo criado por Sófocles, pois Édipo é caracterizado por ter um perfil indagador e que busca a verdade por meio do questionamento, mesmo que a busca pela verdade seja a causa da sua desgraça no desenrolar da tragédia. De forma análoga, por intermédio da crítica kantiana à possibilidade de se alcançar a coisa em si, a consciência filosófica é responsável pela mutilação de suas “pupilas” e se torna incapaz de alcançar o ideal da verdade. Tornando-se condição de possibilidade para uma reavaliação da aparência no contexto da filosofia, para questionar o valor da verdade e abrir as portas para o perspectivismo.

E por intermédio da obliteração das estruturas da metafísica, realizada por Kant, que a consciência filosófica pôde efetuar um giro sobre si mesma, e assim aprender com a esfinge a indagar, podendo agora elaborar um novo tipo de questionamento, não mais: “o que é a verdade?”, mas sim, “qual o valor da verdade?”, ou melhor, “quem põe questões?”<sup>11</sup>. Então, a consciência filosófica sofre um colapso, as estruturas que antes mantinham a visão unidimensional do mundo são postas a baixo, mas o efeito é devastador também para a consciência filosófica, que acaba por ter a sua identidade confundida com a da esfinge<sup>12</sup>. No final, o resultado é igualmente trágico para ambos, assim como no mito de edipiano<sup>13</sup>.

Agora que a consciência filosófica (Édipo) e a vontade de verdade (Esfinge) se

---

Perspectiva, p. 55); para Foucault, um acontecimento é sempre “uma dispersão; uma multiplicidade. É o que acontece aqui e lá; ele é policéfalo”.

<sup>10</sup>Édipo foi na mitologia grega, conhecido por matar o pai e casar-se com a própria mãe. Filho de Laios e de Jocasta, pai de Etéocles, Ismênia, Antígona e de Polinice.

<sup>11</sup> “Subverte os pólos da relação entre atividade e passividade (Esfinge/Édipo) e coloca, ela própria, suas questões”. (GIACÓIA, Nietzsche e para além de bem e mal, Zahar, p. 12).

<sup>12</sup> “No caso do experimento nietzschiano, ele consiste na dissolução das identidades fixadas: doravante, não se sabe mais quem é Édipo, quem é Esfinge. Isso porque a pergunta pela verdade nos remete à origem da verdade como valor e, ao mesmo tempo, ao *problema* do valor dessa origem.” (GIACÓIA, Nietzsche e para além de bem e mal, Zahar, p. 12).

<sup>13</sup> “Esse questionamento é tão devastador para a consciência que realiza o experimento quanto à decifração do enigma por Édipo o foi para a Esfinge”. (GIACÓIA, Nietzsche e para além de bem e mal, Zahar p. 12).

confundem numa única figura de caráter quimérico, as questões desenvolvidas no cenário filosófico não contarão mais com suporte que antes dominava a filosofia<sup>14</sup>, o paradigma então será inteiramente novo, desviando-se tanto do criticismo kantiano quanto do idealismo platônico. A partir dessa crise operará uma mudança nunca vista na filosofia, aquilo que Nietzsche vai denominar como a filosofia do futuro em *Além de bem e mal* e que se será caracterizada justamente como uma filosofia que transmuta os valores até agora postos, como: o valor absoluto da verdade e dicotomia entre mundo sensível e inteligível.

O processo acima desenvolvido também é apresentado por Nietzsche no primeiro aforismo do *Assim falou Zaratustra*(2010), intitulado; *Das três metamorfoses do espírito*. Em que Nietzsche apresenta esse processo de colapso das estruturas do pensamento através de figuras que passam por modificações e que, como o próprio título explica, entram em metamorfose, convertendo-se em novas imagens que espelham o espírito.

Na primeira metamorfose temos o camelo como representação da consciência filosófica que está sob o julgo da vontade de verdade, mas nesse aforismo ainda não é possível perceber a segunda entidade que representa a vontade de verdade, antes representada pela Esfinge em *Além de bem e mal*, sua existência é omitida para a consciência filosófica, o camelo só tem ciência de que algo pesa<sup>15</sup>. Em verdade, o camelo não tem consciência ainda de que está carregando-a, assim como a consciência filosófica e toda a tradição do pensamento não percebe as determinações impostas pela vontade de verdade<sup>16</sup>. Ademais, todo esse fastio leva o camelo para o deserto, lugar de aridez e solidão. O deserto não faz parte da alegoria à-toa, pois em meio ao deserto é impossível criar, negando a terra como condição de possibilidade de criação, o camelo não pode criar, porque é um espírito de carga e que leva todo o fardo dos valores eternos. Por isso ele tem de se refugiar em meio ao deserto<sup>17</sup>, em que ocorrerá a segunda

---

<sup>14</sup> “Mas agora que está superado, agora que a Europa respira novamente após o pesadelo, e pode ao menos gozar de um sono mais sadio, somos nós, cuja tarefa é precisamente a vigília, os herdeiros de toda a força engendrada no combate a esse erro.” (NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*, tra. Paulo César de Souza, pág 8).

<sup>15</sup> “O que é pesado?”. (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, trad. Mário da Silva, pág 51).

<sup>16</sup> “Todos eles agem como se tivessem descoberto ou alcançado suas opiniões próprias pelo desenvolvimento autônomo de uma dialética fria, pura, divinamente imperturbável”. (NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*, tra. Paulo César de Souza, §5).

<sup>17</sup> “Se a terra é a imagem da dimensão em que se postulam sentidos, o deserto o é a da recusa em estabelecê-los.”. (Leituras de Zaratustra / Rosa Dias, Sabina Vanderlei, Tiago Barros, organizadores. –

metamorfose. Aqui, o cansaço ao qual Nietzsche se refere está bem-apresentado no primeiro aforismo de *Além de bem e mal*, que faz menção ao enfado que o ideal de verdade causa na consciência filosófica<sup>18</sup>.

Na segunda metamorfose vemos o embate entre o leão e o dragão, o leão é o resultado da metamorfose realizada pela consciência filosófica que agora pode enfrentar diretamente a vontade de verdade, por isso o camelo teve de transmutar-se num combatente, num leão, que é forte o bastante para o enfrentamento. Por conseguinte, ele torna-se um oponente a altura do dragão, que carrega consigo todos os valores supremos cravados em suas escamas de ouro. Nessa direção, o dragão é a efígie da vontade de verdade, pois diz: “não farás”, “tu deves”, o que assevera seu caráter imperativo de comando e de domínio, a qual submetia a consciência filosófica à tensão provocada a partir do embate entre o leão e o dragão.

A resposta dada pelo leão ao dragão é o resultado desse enfrentamento: “eu quero”, “eu desejo”. Esse juízo é prova de que o leão aprendeu com o dragão a indagar e por si, colocar questões, mas que significaria esse “eu quero” que o leão agora estabelece como novo paradigma de questionamento? Tal indagação só pode ser oriunda de um outro tipo de força que não a vontade de verdade, e porque não a vontade de poder? Essa vontade de poder que se apresenta como rebelião diante do dragão, como superação de uma resistência.

A batalha perpetrada pelo leão e o dragão é análoga ao movimento de giro efetuado pela consciência filosófica, o leão não só enfrenta o dragão, mas também verbaliza. Essa ação é o prelúdio da terceira metamorfose, dado que suas propriedades específicas são as de formular um novo pensamento e uma nova linguagem.

Essa batalha está associada ao criticismo kantiano (leão), pois foi ele que desferiu o derradeiro golpe na metafísica (dragão), obliterando assim as suas pretensões de submeter o leão e a filosofia num grande jogo de dados viciados, o dragão não oferece um novo horizonte de sentido, apenas submeter e aprisionar.

Por fim, temos a terceira e última metamorfose, em que não existe mais leão (combatente), nem dragão (dominador), mas sim a criança, resultado da combinação das duas entidades, gerando um novo ente capaz de novas empresas. Explicando, a imagem

---

Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.)

<sup>18</sup>“Que surpresa, se por fim nos tornamos desconfiados, perdemos a paciência, e impacientemente nos afastamos?” (NIETZSCHE, 2012, §1)

da criança significa um novo começo, um esquecimento de todo o embate antes realizado, a inventividade e a capacidade imaginativa da criança será responsável por reconduzir a filosofia a partir de agora, de acordo com Nietzsche, e com isso abre-se a possibilidade de um novo questionar, contando com um novo tipo de filósofo, que possa fecundar o solo fértil da filosofia a partir de uma nova consciência filosófica, livre das antigas engrenagens que faziam a roda da filosofia girar, a saber; o bem ‘em si’, o conceito de puro espírito<sup>19</sup>.

Essa imagem das três metamorfoses do espírito criada por Nietzsche é a representação da transformação que se dá na consciência filosófica, assim como a imagem de Édipo em *Além de bem e mal*, em que também temos as fases da transformação: a) a primeira, tendo a esfinge como indagadora e Édipo que retroativamente capaz de indagar a partir da esfinge; b) na segunda, Édipo encara a esfinge; c) na terceira, temos Édipo que aprende com a esfinge a indagar e a impor questões.

Contudo, uma pergunta continua em aberto, pois não foi ainda suficientemente aclarado quem é o responsável por ter posto o ideal de verdade como paradigma máximo da filosofia, pois se com Kant e Nietzsche operamos a segunda e a terceira metamorfose, respectivamente, quem é o responsável por ter colocado a Esfinge como guardiã da verdade e impor questões para os filósofos que ousaram conquistá-la. Lembremos que na primeira metamorfose o camelo apenas sente o peso dos valores eternos, mas como não pode exprimir aquilo que sente, apenas percebe e aceita carregar aquele peso que o oprime, o responsável permaneceu oculto, que é aquele que mais tarde se revelaria como o dragão que carrega em si todos os valores eternos e que pretendia subjugar o leão.

Então, da mesma forma que Kant está relacionado com a segunda metamorfose e com o movimento de enfrentamento Édipo/Esfinge, o indivíduo histórico e concreto que está associado ao peso nas costas do camelo, ao dragão e a esfinge, em suas respectivas alegorias, é Platão, pois para Nietzsche a monopolização que exerce Platão e o platonismo na filosofia ocidental representa a corrupção da mesma. É nesse embate com Platão, que perpassa toda a obra de Nietzsche, que temos aquilo que Nietzsche denomina como tensão de espírito e que para alcançar um novo rumo à filosofia iria

---

<sup>19</sup> “Não sejamos ingratos para com eles, embora se deva admitir que o pior, mais persistente e perigoso dos erros até hoje foi um erro de dogmático: a invenção platônica do puro espírito e do bem em si.”. (NIETZSCHE, *Além do bem e do mal*, tra. Paulo César de Souza, pág 8).

necessitar dessa tensão, não da total obliteração do pensamento platônico, mas de uma justa medida entre a nova expressão filosófica e as antigas estruturas do pensamento<sup>20</sup>, apenas uma assimilação de ambas para formar uma estrutura completamente nova.

### 1.1 O embate entre Platão e Nietzsche

Em diversas partes da obra de Nietzsche é possível observar que existe uma tensão que é própria do embate entre seu pensamento e o pensamento platônico, eles atuam como avatares das forças que regem o espírito criador que Nietzsche denominará de vontade de verdade e vontade de poder.

Temos isso sendo apresentado de maneira mais enfática em *Assim falou Zarathustra*, mais especificamente no discurso intitulado *Do imaculado conhecimento*<sup>21</sup>. O qual Zarathustra vai descrevendo através de imagens como se comporta e como age o “homem do conhecimento”. Esse homem do conhecimento ao qual ele se refere é o tipo filósofo que está a condenar em sua filosofia e que foi produzido no interior do pensamento platônico, como aquele capaz de descortinar a essência de todas as coisas por meio da dialética e o desprezo moral por aquilo que é terreno e que constituiu a própria vida de maneira significativa. Este típico “homem do conhecimento” não surge do nada, mas é desenvolvido, nutrido sob a sombra do platonismo e da vontade de verdade, seu modelo alcança o apogeu na figura do pensador cristão<sup>22</sup>.

Nietzsche entende que o ideal da verdade criado no interior do platonismo torna-se uma crisálida para o pensador cristão, que associa livremente a ideia de ‘bem’ à ideia de Deus, mundo sensível e inteligível torna-se céu e inferno por sua vez e é através dessa assimilação de conceitos que o pensamento cristão transforma o conceito de

---

<sup>20</sup> “-Mas a luta contra Platão, ou, para dizê-lo de modo mais simples e para “o povo”, a luta contra a pressão cristã-elesiástica de milênios – pois cristianismo é platonismo para o “povo” – produziu na Europa uma magnífica tensão de espírito, como até então não havia na Terra: com um arco assim teso pode-se mirar nos alvos mais distantes.”. (NIETZSCHE, Além do bem e do mal, tra. Paulo César de Souza, pág 8).

<sup>21</sup> “NIETZSCHE, Assim falou Zarathustra. Mário da Silva, Rio de Janeiro, Civilização brasileira. Pág 152.

<sup>22</sup> 1 - O mundo verdadeiro, por enquanto inalcançável, mas prometido ao sábio, ao piedoso, ao virtuoso (“ao pecador que faz penitência”).

(Progresso da idéia: ela se torna mais sutil, mais capciosa, inapreensível, - ela se torna mulher, torna-se cristã...)

ἀλήθεια em aeternas veritas<sup>23</sup>, remetendo ao Deus cristão como a base ontológica de toda a realidade (realitas), corrompendo o sentido original em que foi cunhado o conceito e adaptando-o ao modelo cristão. Conseguindo assim a justificação para teses como a imortalidade da alma e a existência de Deus, criando um esquema de contínuo aperfeiçoamento do “homem do conhecimento” e que teve seu auge na modernidade, a vontade de verdade agora tem de aparecer sob a roupagem de ciência pura e rigorosa.

Na modernidade temos um novo de “homem do conhecimento” cultivado no âmago do pensamento cristão, mas agora filosoficamente diferente, não mais adornado pela áurea da religião. A vontade de verdade agora está revestida pela máscara da ciência e da pura experimentação científica, em que cada passo deve ser sumariamente calculado para que não haja margens para a dúvida quanto à exatidão do experimento. Na modernidade o conceito de verdade (ἀλήθεια) agora é tomado como ‘realitas’, ou seja, para que algo seja verdadeiro é preciso que tenha existência (existentia) real e factual (factum). Entretanto, os critérios postos pela modernidade acabam por se voltar contra o próprio ideal de verdade, pois a vontade de verdade se fundamenta na dicotomia entre mundo sensível e inteligível, uma vez que essa dicotomia é removida do jogo filosófico e da modernidade, o ideal de verdade entra em colapso<sup>24</sup>.

Como é possível perceber na frase de Nietzsche, o “mundo verdadeiro” não é mais alcançável, o ideal de verdade é obscurecido pela neblina cética da modernidade, tendo apenas uma sobrevida a partir da ética moderna, galgada no imperativo categórico, no direito positivo, no estado de direito moderno e na lei fria, a antiga ideia de “bem” fundamentada por Platão e amadurecida no pensamento cristão torna-se apenas um consolo para a modernidade, o “homem do conhecimento” agora tem de trilhar o caminho galgado pela racionalidade.

O processo de desenvolvimento do ideal de verdade chega ao seu ápice no terceiro e último tipo de homem do conhecimento. Similar ao que acontece nos três momentos do primeiro aforismo de *Além de bem e mal* e as três metamorfoses do *Assim falou Zarathustra*, neste terceiro momento “o homem do conhecimento” é

---

<sup>23</sup> De Trinitate, 10, 3, 5.

<sup>24</sup> 3 – O mundo verdadeiro, inalcançável, indemonstrável, imprometível, mas já enquanto pensado, um consolo, uma obrigação, um imperativo.

(No fundo o velho sol, mas entrevisto entre neblina e ceticismo; a idéia se tornou sublime, pálida, nórdica, konigsberguiana)

Zarathustra, que encontra o antigo detentor do título de sábio e afirma que daquele momento em diante a sabedoria não seria mais confiada a um sábio submetido ao ideal da verdade e conseqüentemente guiado pela vontade de verdade, mas por um portador de uma força muito distinta, a saber, a vontade de poder<sup>25</sup>.

Essa declaração de Zarathustra nos revela que a partir daquele instante a filosofia não seria mais trilhada pelo caminho criado pela vontade de verdade, mas sim o caminho da vontade de poder, porém isso pouco nos explica o seu sentido fundamental, apenas nos indica uma mudança de rumo, um novo norte, uma nova bússola<sup>26</sup>.

Esse recorte do *Crepúsculo dos ídolos* nos mostra algo a mais na mudança que opera Zarathustra no interior da filosofia, é indicado que não só o “mundo verdadeiro” foi abolido, mas também o aparente. Colocando um fim na falsa oposição entre o sensível e o inteligível, verdadeiro e aparente, pois a oposição de valores é própria do ideal ascético e de seu modo de valorar, em que um dos polos é tido como dotado de valor (verdadeiro) e o outro deve ser estigmatizado como algo ruim (falso) e que deve ser apartado da consciência filosófica.

Todavia, se Nietzsche, por intermédio de Zarathustra, pôs fim à falsa oposição de valores; bem e mal, verdadeiro e falso, inteligível e sensível, que restou então para a filosofia? O que Zarathustra nos teria a oferecer? A solução dada por Nietzsche não é nada convencional e dista de maneira significativa de todo discurso filosófico até então.

A solução epistemológica dada por Nietzsche é o perspectivismo, apesar de poucas vezes o conceito ser abordado em sua filosofia, ela é como que o ‘remédio’ para aquilo que ele denominou como doença do espírito, pois abrir mão das falsas dicotomias em favor do perspectivismo é abrir caminho para a interpretação e o fazer criativo da terceira metamorfose (a criança). É dar a chance de o artista livremente criar e dar um ponto de vista que supere a visão fria do cálculo e da dialética que a

---

<sup>25</sup>“E também tu, homem do conhecimento, é apenas uma senda e uma pegada da minha vontade: em verdade, minha vontade de poder caminha também com os pés da tua vontade de verdade!” (NIETZSCHE, 2010, pág 146 )

6 – Abolimos o mundo verdadeiro: Que mundo restou? Talvez o mundo aparente?... Mas não com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente!

(Meio-dia; Momento da mais curta sombra; Final do mais curto erro; Ponto Culminante da humanidade; [INCIPIIT ZARATHUSTRA].)

tradição filosófica submeteu todo o pensamento ocidental. Uma vez que a arte se comporta de maneira distinta da ciência, ela é fonte tanto do bem quanto do mal, e Platão o sabia, tanto que ele próprio é artista e criador de imagens, como as imagens do mito da caverna e do mito de Er. Nietzsche entende que Platão conhecendo o poderio do fazer artístico teve de excluí-lo de sua república para que não corrompesse o protótipo de cidadão que ele deseja cultivar e para isso teve de pôr um tampo nessa força e encerrá-la na periferia do pensamento, e assim, tal como a esfinge ditar os enigmas da filosofia.

Não obstante, Nietzsche não abre mão da oposição de valores em favor de um pleno perspectivismo que beira o relativismo ou em favor da falta de critério e da mera imaginação, o fundo da sua argumentação leva em conta a vontade como a grande força ajustadora da perspectiva. Por isso ele chega à conclusão de que se faz necessário um estudo da dinâmica dos afetos e nisso consisti o seu grande passo epistêmico. Em razão da crença nos afetos como gatilhos do pensamento e geradores de perspectivas, aqueles que estivessem embebidos de ideal ascético e condicionados pela vontade de verdade tenderiam irremediavelmente a pensar suas filosofias a partir de uma perspectiva que leva em consideração a oposição de valores opostos como critérios máximos para uma “autêntica criação filosófica”.

Destarte, a relação entre o pensamento platônico e o pensamento nietzscheano é muito mais complexa do que se imagina, pois não se trata de uma mera crítica em relação a um ponto de vista, mas sim de um revisionismo completo da história da filosofia a partir da premissa intrínseca ao pensamento de Nietzsche que toma Platão e o platonismo como representações a decadência da filosofia<sup>27</sup>.

Nietzsche tem uma posição muito clara daquilo que representa sobremaneira o ideal grego, que é o grego da tragédia, da nobreza e dos afetos tônicos, tendo Sócrates e Platão como figuras opostas desse ideal. Na realidade, Nietzsche não está criticando as figuras histórias de Sócrates e Platão, mas aquilo que eles apresentam como pensamento e enquanto sintomas de uma sociedade decadente<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> “Reconheci em Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da dissolução grega, como pseudogregos, como antigregos” (NIETZSCHE, 2014, pág 17, §2)

<sup>28</sup> “Grosso modo, eu agarrava dois tipos célebres e absolutamente ainda não definidos, como se agarra uma ocasião pelos cabelos, para exprimir algo, para ter em mãos umas tantas fórmulas, signos e meios linguísticos mais.” (NIETZSCHE, 2008, pág 67, §3)

Isso diz muito sobre o estilo literário de Nietzsche, muito afeito de utilizar figuras históricas da filosofia e de outros âmbitos do conhecimento para criar uma caricatura, uma personagem sob a qual ele pode criar todo um conjunto de pensamentos que possuam aquela caricatura como representação.

Também podemos constatar que isso, de forma similar, acontece no caso dos ataques que Nietzsche desfere ao cristianismo, sua crítica não está direcionada à fé cristã propriamente, ao menos não de maneira direta, mas à moral cristã e ao modo de valorar do espírito do sacerdote judaico que está no interior do pensamento cristão. Que é apontado por Nietzsche como um pensamento movido pelo ressentimento e pela vingança aos homens de caráter e espírito nobre<sup>29</sup>.

O confronto que Nietzsche empreende no âmbito do pensamento faz parte da sua postura filosófica que depende de uma superação constante de si mesmo. Quando ele ataca o platonismo ele também luta contra sua natureza vinculada ao modelo platônico encerrado no seu espírito, seu ato criador depende de um constante enfrentar e auscultar com o martelo o ídolo que lhe é próprio por natureza e assim abre-se a possibilidade do surgimento de um novo tipo de vida.

A filosofia do martelo de Nietzsche não exprimi a ideia da dissolução de todas as verdades e da aniquilação total dos ídolos, mas do martelo que cria e molda a partir de golpes fortes nas estruturas e muitas vezes empreendendo leves golpes em estruturas ocas para mostrar que são belas na aparência, mas vazias de essência. Sendo assim, as marteladas desferidas nos ídolos da tradição filosófica, a saber; Sócrates e Platão, servem para fazer ressoar aquele som oco da essência que lhes é própria, segundo Nietzsche, que é o ressentimento.

Desse modo, podemos inferir que a relação entre Nietzsche e as figuras de Sócrates e Platão são muito mais complexas do que se espera num primeiro contato com a obra de Nietzsche. Sendo às vezes tomada como uma posição extrema e literal do autor quando se percebe uma crítica mais contundente do autor em relação aos mesmos, mas se trata, antes de tudo, do conflito necessário para que o pensamento opere. Quando Nietzsche diz que é preciso superar a si mesmo ele quer dizer que é preciso ultrapassar a

---

<sup>29</sup> E, com o encarniçamento do ódio da impotência, afirmaram: “Só os desgraçados são bons; os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons; os que sofrem, os necessitados, os enfermos são os piedosos, são os benditos de Deus; só a eles pertencerá a bem-aventurança; pelo contrário, vós, que sois nobres poderosos, sereis por toda a eternidade os maus, os cruéis, os cobiçosos, os insaciáveis, os ímpios, os réprobos, os malditos, dos condenados”. (NIETZSCHE, 2011, PÁG 39, §7)

medida de um antigo eu, um eu que foi apequenado pela formação filosófica, submetido ao nivelamento do homem, e, portanto, preso num devir reativo do homem. Isso é expresso em *Assim falou Zarathustra* (2010) no discurso intitulado 'O convalescente', em que Nietzsche expressa a ideia do eterno retorno sob a perspectiva de um devir reativo do homem, que sepultaria a possibilidade de um pensamento singular, pois este só poderia surgir a partir de um novo devir, um devir positivo, fonte de singularidades e possibilidades distintas daquelas que a vontade de verdade submete o homem<sup>30</sup>.

Esse devir reativo também é fruto do pensamento platônico e consequentemente está submetido à vontade de verdade, atuando com o propósito de afastar a força ativa do que ela pode por meio da moral, por isso o dragão da segunda metamorfose se expressa no imperativo: "tu deves", pois a força reativa é um comandar externo e impositivo, que tem como objetivo dizer não ao apetite e a necessidade da vontade de poder, e assim enfraquecendo o homem, pois afasta-o daquilo que o impele ao agir e ao criar.

Findamos nossas considerações em relação ao embate entre Nietzsche e Platão com o entendimento de que a relação entre essas duas personagens é mais complexa do que comumente se pensa e que o embate travado por Nietzsche é muito mais virtual que histórico, pois o Platão criticado em suas obras é como um simulacro projetado para receber os golpes do martelo e assim extrair as conclusões necessárias para o desenvolvimento autônomo de sua filosofia. Um método eficazmente produzido por Nietzsche para alcançar a sua própria superação e assim livrar-se do devir reativo das forças

Essa superação, por sua vez, só é alcançada na medida do combate do filósofo contra si. Teríamos então de pressupor que tal método necessita de uma estreita relação entre o pensador e aquilo que ele terá de superar. Poderíamos então supor que Nietzsche seria tão platônico quanto Platão e Agostinho? Não é um absurdo fazer tal pergunta, uma vez que os indícios apontam para uma conclusão ambígua e que é passível de interpretação.

Ficamos então apenas com a especulação e com a certeza de que esse confronto travado por Nietzsche com toda a tradição filosófica, em especial Platão, foram

---

<sup>30</sup> O grande nojo pelo homem, foi isso que me sufocou e entrou-me na garganta... Ele retornará eternamente, o homem do qual estás cansado, o homem pequeno... Ai! Nojo, nojo, nojo. (NIETZSCHE, 2010, p. 261)

importantíssimos para o surgimento de filosofias singulares na contemporaneidade. Nietzsche desencadeou um rompimento com a estrutura de pensamento moderna e com isso ele abriu a caixa de Pandora, vamos dizer assim, de um novo momento da filosofia, completamente diferenciado daquele momento em que surgiu na antiguidade, quebrando o ciclo do devir reativo das forças e operando uma nova revolução no âmbito do pensamento.

## CAPÍTULO 2

### A ELUCIDAÇÃO DO CONCEITO DE VONTADE DE PODER

Para que o conceito de vontade de verdade torne-se suficientemente claro é necessário desenvolvermos uma explanação acerca do conceito de vontade de poder, visto que no âmbito do pensamento de Nietzsche os dois conceitos se encontram intimamente atados. Com efeito, não é possível falar de vontade de verdade sem antes elucidarmos o que é vontade de poder, já que vontade de poder é um dos conceitos fundamentais do pensamento de Nietzsche, juntamente com o eterno retorno e o conceito de super-homem.

Pois bem, todo aquele que se propõe investigar o pensamento de Nietzsche deve em algum momento se fazer tal pergunta: mas afinal, que é vontade de poder? E dado o fato de que não se trata de um conceito simples de se identificar e inferir definições, o trabalho é sempre desafiador para aquele que se dá a tarefa de trazer a luz um pensamento tão pouco claro<sup>31</sup>. O conceito está no centro do pensamento Nietzscheano e é a pedra de toque para todo o esquema desenvolvido na obra de Nietzsche. Também é dado o nome de vontade de poder para a obra que muitos autores entendem como a obra magna da filosofia de Nietzsche. Avaliaremos então alguns trechos desta obra e de outras a fim de identificarmos o sentido que é dado por Nietzsche ao conceito de vontade de poder.

Começemos então pela análise do fragmento póstumo de 1885 com a razão de traçarmos uma visão geral do conceito de vontade de poder e assim prosseguirmos com a investigação:

O vitorioso conceito “força”, com o qual os nossos físicos tiraram Deus do mundo, necessita ainda um acréscimo: Isso o obriga a tornar-se um mundo interior, que eu descrevo como “vontade de poder”, como um desejo insaciável por poder, ou outra utilização, a prática do poder, como impulso criador. (NIETZSCHE, 1885, fr 36)

---

<sup>31</sup> “As condições sob as quais alguém me compreende, fazem com que esse alguém me compreenda “necessariamente”. (NIETZSCHE, 2005, p.11).

Este fragmento nos indica diversas informações a respeito do objeto de nossa investigação. A primeira informação é a de que o conceito de vontade de poder é antes de qualquer coisa uma ‘força’, mas não entendendo por ‘força’ aquilo que a modernidade introduziu na ciência enquanto força, mas num sentido diferente, uma força “interior” que impulsiona e busca o poder, tendo a função de ímpeto de criar.

A princípio, podemos concluir que o conceito de vontade de poder escapa de uma definição unilateral e que possui diversas funções diferentes, como: impulso criador, força que busca a expansão do poder, como desejo e, portanto, como um sentimento. São diversificadas as definições que podemos tirar deste conceito, então é possível que este conceito escape de uma definição única, mas passe a ter uma descrição variável conforme o contexto em que é inserido.

Mas por enquanto podemos tirar uma conclusão de todas essas informações e dar uma solução para momentânea para o obstáculo que encaramos. A conclusão é de que a vontade de poder é um conceito plástico e modelador, e é a partir de sua indeterminação que ele se apresenta, pois é a fonte de toda determinação e todo aparecer criativo.

Esse feito da vontade de poder como força plástica (*plastiche Kraft*) nos remete à concepção de devir formulada por Heráclito, em que tudo está submetido ao processo de criação e dissolução que podemos encontrar de maneira mais clara na arte e na Φύσις, é por intermédio deste princípio (ἀρχή) que Nietzsche busca a superação do ideal de verdade.

A superação do ideal de verdade depende da dissolução da verdade (ἀλήθεια) como valor e com isso operar a transvaloração dos valores. Num ato de inversão total do platonismo, realizando o movimento oposto do homem aprisionado na alegoria da caverna, que fugindo da luz (ideal da verdade) e da realidade perene que ofusca a visão e voltando para as sombras da caverna (perspectiva), pois essas serviriam para reduzir a dor ofuscante da realidade fenomênica.

O conceito de ἀλήθεια é apresentado no desenvolvimento da alegoria da caverna e representado pela luz ofuscante que ilumina a nova realidade a qual o ex-prisioneiro estava submetido. Sua origem etimológica remete ao rio Lete (λήθη) da mitologia grega e que sua propriedade principal era de fazer como que aquele que bebesse da sua água perdesse a memória de sua vida passada, e assim esse rio é associado ao esquecimento, o ἄ- privativo que vem compor o substantivo possui a função de negar o seu sentido ou ao menos inverte-lo, ἀλήθεια então significa;

literalmente, não - esquecer ou, como prefere Platão, lembrar (αναμνησια).

Conhecimento (ἐπιστήμη) para Platão é um processo de lembrar, por meio da dialética, as formas inteligíveis e imutáveis do pensamento, que foram uma vez vislumbradas pela alma em uma ocasião anterior. Podemos então inferir que ἀλήθεια, αναμνησια e ἐπιστήμη estão numa relação muito estreita no pensamento platônico ao qual Nietzsche confronta, pois tais conceitos remetem sempre para o ideal de verdade que por sua vez é sempre perene, sempre presente, imutável na consciência e não pode ser suprimido pela ilusão e pelas aparências, Nietzsche toma o para si o partido do ilusório em relação ao verdadeiro, porque este não está corrompido pelo ideal de verdade e pode sempre se configurar numa nova forma (γίγνεσθαι), sempre plástico e mutável, fonte profícua de um filosofar autônomo.

Vontade de poder então pode ser determinada como força que possui a propriedade plástica do criar e fonte de qualquer possibilidade do filosofar, contrapondo-se ao conceito de vontade de verdade que tem no discurso metafísico o ideal da verdade como valor e, portanto uma fonte alternativa da usual para dirigir o discurso filosófico.

Uma vez que ficou suficientemente esclarecido o sentido de vontade de poder, ao menos de uma maneira provisória, no pensamento de Nietzsche e elucidado o que é vontade de verdade no primeiro capítulo, podemos enfim traçar a dinâmica que existe entre os dois conceitos, pois Zarathustra afirma: “em verdade, minha vontade de poder caminha também com os pés da tua vontade de verdade!”. Indicando que existe uma correlação entre ambas e quais as implicações dessa relação.

## 2.2 A dinâmica entre vontade de verdade e vontade de poder

Dando prosseguimento ao trabalho de dilucidar o sentido fundamental do conceito de vontade de verdade, temos que mostrar como este conceito se relaciona com o conceito de vontade de poder na dinâmica que lhes é própria, dado que ambos estão numa relação comum no âmbito do pensamento nietzscheano e por tanto é indispensável aclarar como os dois interagem nessa teia de conceitos criada por Nietzsche para expressar uma ideia comum.

E para iniciar a investigação vamos analisar uma passagem do *Assim falou Zarathustra* (2010) que é intitulado de “*Do imaculado conhecimento*”. Em que temos os conceitos de vontade de poder e vontade de verdade representados nas figuras do sol e da lua,

respectivamente.

Feitas as devidas considerações, podemos iniciar com a análise do discurso “*Do imaculado conhecimento*”, em que Nietzsche nos apresenta a figura da Lua como a representação da vontade de verdade que brilha resplandecente no céu e que parece estar pronta para dar à luz, ou seja, gerar vida (Leben), mas que é logo desmentida pelo sol que

surge pela manhã e que mostra a falsidade de sua gravidez. Podemos aqui perceber um jogo de palavras usado por Nietzsche para indicar essa falsa gravidez da lua, pois lua em alemão é um substantivo masculino (Der Mond), justificando a ironia que ele lança em seguida: “Mas era mentira, a sua gravidez, e ainda prefiro acreditar que a lua tem mais de homem que de mulher”.

Ele continua, e numa crítica dirigida ao monge da lua, representação do ideal ascético e do homem “pequeno” (Uma referência ao homem preso no devir reativo), o asceta nessa imagem é cobiçoso dos prazeres da terra, mas como não os pode ter, logo é tomado de ressentimento. Não podendo supera-lo, reprime os desejos em favor do “puro conhecimento” e passam a andar “sob as estrelas”, uma referência ao mundo inteligível, criado para satisfazer o desejo do homem impotente.

Nietzsche então traça o perfil psicológico deste tipo de sábio, que o “imaculado conhecimento” para este não é um puro contemplar, mas um não-poder se servir da terra e se utilizar desta impotência como virtude superior, imaculada e fria, pois deseja as coisas de uma maneira desinteressada, desprovida de segundas intenções e interesses escusos. Mas na verdade, o sábio do imaculado conhecimento é aquele que possui o interesse mais oculto e a alma mais profunda para satisfazer os seus apetites, por essa razão Nietzsche usa diversas vezes a palavra “hipócritas” para se referir aos sábios do conhecimento, visto que estes condenam o desejo, mas são os que estão mais submetidos ao mesmo, porém é um desejo travestido de desinteresse e portanto mentiroso, assim como a pretensa gravidez da lua.

Em seguida, Nietzsche descreve uma vontade que fosse verdadeiramente autêntica para o ato ativo do conhecimento, e podemos perceber pelo texto que Nietzsche se refere ao conhecimento como um ato criativo, não como um “espelho de mil olhos” que reflete tudo de maneira límpida de todos os ângulos possíveis, mas uma ação geradora de tensão, Nietzsche então traça pontos distintos (e pouco claros) de onde surge o ato criador, ele fala então de pares opostos: Amor e morte. Um par completamente incomum e inusitado, mas que está intimamente ligado à ação criadora e

ao conceito de vontade de poder, também podemos ver aí uma referência ao par gerador de todas as coisas na mitologia (ἔρως/Χάος) que juntos dão início ao ciclo de geração e corrupção do mundo, pois o criar é sempre um destruir e o destruir, por sua vez, também é um ato criador.

Podemos entender a vontade de poder nesse sentido, como força de criar e destruir, assim como o martelo que quebra, mas que também molda a escultura, essa dupla função é a geradora da tensão necessária para a criação autenticamente artística, que se distingue da mera contemplação que a vontade de verdade propõe como autêntica sabedoria. Essa ambiguidade também pode ser identificada na própria etimologia da palavra ‘Macht’ que possui diversos sentidos, entre eles o sentido de ‘destruir’ ou ‘violentar’, nesse contexto, uma tradução possível para ‘Wille zur Macht’ seria ‘vontade de violência’, revelando o lado caótico e destrutivo do conceito. O segundo sentido aproximado da palavra ‘Macht’ é sua relação etimológica com o verbo ‘mögen’ (amar), em que Macht seria um derivado de mögen e portanto nos conduziria à uma tradução de Wille zur Macht como: vontade de amar, impelido ao amar, de fato, essa ambiguidade entre amar e destruir é aquilo que constitui para Nietzsche o ato gerador de vida<sup>32</sup>.

Ainda assim, fica pouco claro o sentido de amar e morrer no texto de Nietzsche, pois o que deve amar ou ser amado, e o que deve morrer ou ser morto (destruído)? Com seu modo obscuro de escrever, Nietzsche acaba por criar certas ciladas interpretativas que desafiam os seus leitores a realizar uma verdadeira jornada rumo ao sentido essencial das imagens criadas para apresentar suas ideias. Desse modo, temos de traçar uma ponte lógica que ligue esses dois termos, a saber: Amor e morte, que teriam em comum, como poderiam se relacionar com de maneira orgânica na definição de vontade de poder? Tentaremos solucionar essas pequenas dificuldades que se apresentam no caminho da nossa investigação para avançarmos rumo à uma conclusão clara.

Vamos iniciar a solução do enigma pela investigação do sentido essencial do verbo amar (mögen) no pensamento de Nietzsche, comecemos pelo significado de ‘amar’ no dicionário tradicional, que traz significados diversos, como: sentimento, desejo, proteger. Tais significados pouco nos ajudam na tarefa de solucionar o enigma

---

<sup>32</sup> Amar e morrer: as duas coisas harmonizam-se desde a eternidade. Vontade de amor: isto significa disposição, também, para a morte. Assim eu vos falo, poltrões! (NIETZSCHE, 2010, p. 154)

que nos foi proposto, mas se dermos uma olhada na obra de Nietzsche encontramos um outro conceito vinculado ao verbo ‘amar’ este é o conceito de ‘amor fati’, uma frase latina que significa: “amor ao destino”. Na obra de Nietzsche este conceito é abordado como uma marca do homem que afirma e diz sim a todas as coisas<sup>33</sup>, inclusive ao eterno retorno (devir reativo), que superou o ressentimento e não vê com os olhos da desconfiança e da ingratidão o ciclo dos acontecimentos históricos, diferentemente do sábio do imaculado conhecimento, que vê todas as coisas e só consegue sentir desprezo e ranço por tudo que passou e por tudo que virá, tomado por uma intensa hybris que ele máscara de amor ao puro conhecimento.

E quanto à ‘morte’ (destruição), como devemos entendê-la nesse contexto? Mas sobre a ‘morte’ não temos muitas pistas na obra de Nietzsche, apesar de o mesmo ter deixado claro que o ato de amar está intimamente atrelado ao ato de morrer, como foi exposto no fragmento acima, temos então de tomar essa disposição para a morte no sentido equivalente ao de *amor fati*. Se *amor fati* é um amor ao destino, e uma afirmação convicta de todo o desenrolar-se histórico, tanto do passado, presente e futuro, podemos então inferir que ‘morte’ pode ser tomado como aquele ‘querer destruir’ a história<sup>34</sup>, uma volição que necessita destruir para formar, o caráter próprio do martelo, mas um martelo que se volta para o interior e enfrenta o ressentimento que lhe é próprio, despedaça e destrói o espírito do ressentimento, que como uma erva daninha corrompe toda a possibilidade de nascimento e vida.

Esse ressentimento que é despedaçado pelo martelo de Nietzsche pode ser entendido como uma primeira natureza, a natureza do pensador que é formada na educação filosófica para a verdade e que opera segundo os parâmetros da vontade de verdade, segundo o cálculo e a tendência de enxergar na sabedoria uma sóbria contemplação. Uma vez destruída essa primeira natureza, dá-se no espírito um espaço para a criação e o fortalecimento de uma segunda natureza<sup>35</sup>, muito mais forte e resistente que a última, esse ciclo alterna-se indefinidamente no espírito e por isso está

---

<sup>33</sup> “*Amor fati*[amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!” (NIETZSCHE, A gaia ciência, tra. Paulo César de Souza, §276).

<sup>34</sup> “Excesso de história prejudica o vivente” (NIETZSCHE, Segunda consideração intempestiva, pág. 18, §2)

<sup>35</sup> “O melhor que podemos fazer é confrontar a natureza herdada e hereditária com o nosso conhecimento, combater através de uma disciplina rigorosa o que foi trazido de muito longe e o que foi herdado, implantando um novo hábito, um novo instinto, uma segunda natureza, de modo que a primeira se debilite.” (NIETZSCHE, Segunda consideração intempestiva, pág. 31, §3)

numa relação de identidade com a vontade de poder e com o eterno retorno.

Contatamos na investigação as características principais do conceito de vontade de poder, a saber: amar e morrer, posto que, para que a vida surja da vontade de poder é preciso o amor pela vida e o querer destruir, para romper com o ciclo do ressentimento, indubitavelmente chegamos à conclusão de que existem dois tipos de devir, dois eternos retornos nesse jogo de criar e destruir, cada um correspondendo a uma vontade diferente, um corresponde a vontade de poder e outro a vontade de verdade. O eterno retorno da vontade de poder é conduzido pela dupla (amor/morte), responsáveis por dar à luz a vida, na destruição do ressentimento e no amor à tudo que foi e será, já o eterno retorno da vontade de verdade é viciado e nunca dá lugar ao novo, pois não é capaz de amar e destruir, apenas de desprezar (a vida) e contemplar (conhecimento), estéril, e por isso incapaz de dar à luz, novamente reiterando a denúncia da falsa gravidez da lua no texto de *Zarathustra*.

Frequentemente, essa dinâmica entre vontade de poder e vontade de verdade é apresentada por Nietzsche como um jogo, especificamente um jogo de dados, em que o acaso é determinante para o resultado filosófico obtido, em '*Os sete selos*', Nietzsche traça o perfil do tipo de jogo ao qual ele está comprometido, o jogo de dados que não flerta com o ressentimento, mas que afirma e diz sim à tudo que foi eo que será:

Se algum dia, na mesa divina da Terra, joguei dados com deuses, a tal ponto que a Terra tremeu e fendeu-se e expeliu torrentes de fogo;  
-porque divina é a Terra e trépida de novas palavras criadoras e divinos lances de dados – (NIETZSCHE, 2010, p. 273, §3)

A primeira informação que tiramos do recorte de *Zarathustra* é que o âmbito em que se desenrola o jogo de dados é justamente a “Terra”, uma imagem para se referir ao mundo dos fenômenos, da realidade sensível, apesar de Nietzsche não tomar o partido dos empiristas em relação aos racionalistas, muito menos o contrário, ele usa essa imagem da terra como uma forma de se contrapor ao modo vigente do jogo de dados, que possui o ideal da verdade e a realidade inteligível como superiores aos movimentos que determinados pelo devir das coisas terrenas.

Também percebemos que ele não está só no jogo, ele usa da palavra “deuses” para se referir aos pensadores da tradição filosófica, mas o seu lance de dados, o lance Nietzscheano é diferenciado, o seu jogo na terra é causa de um grande impacto na própria “mesa divina”, gerando o colapso da terra e com isso as “torrentes de fogo” que

representam um abalo significativo também nos próximos lances que seguirão naquela mesa, rompendo com um ciclo viciado de jogos, um ciclo reativo que não aceita o devir afirmativo de todas as coisas.

Esta metáfora serve para descrever não só o lance de dados realizado por Nietzsche, mas também o lance derradeiro do ressentimento, o lance de dados da vontade de verdade, que ele apresenta em '*Do lance superior*', em que o jogador que está comprometido com a vontade de verdade joga contando com a probabilidade e não com o acaso do jogar, que é sempre invariável, imprevisível, mas joga covardemente, viciando os dados, magnetizando-os com a sua reatividade e assim determinando a combinação favorável ao resultado que lhe é agradável<sup>36</sup>.

Assim como no caso do sábio do conhecimento que está na lua e que olha com cobiça para as coisas da terra, Nietzsche traça o perfil do jogador determinado pela vontade de verdade, ele é esquivo, envergonhado e desalentado como um tigre que falhou em dar o bote, pois não sabendo como se joga com o devir e o acaso, tornam-se retraídos e passam a jogar contando com o cálculo da probabilidade, para isso é preciso magnetizar os dados e assim vicia-los, para que eles possam sempre oferecer o mesmo resultado que eles esperam. Esse magnetismo é proporcionado pelo ressentimento, ele toma o dado e o imanta de uma propriedade reativa, propiciando um resultado viciado do jogo de dados, a propriedade reativa apodera-se não só do jogador, mas também dos dados, tal como os organismos que se apoderam de outro em relações simbióticas, nesta relação simbiótica o jogador não tem a consciência de que suas ações são determinadas por um agente externo, mas joga o jogo da filosofia como se a sua razão fosse completamente autônoma.

A razão foi superestimada pela filosofia desde Platão, o seu desenvolvimento como principal forma de criação filosófica é encarado por Nietzsche como o resultado do avanço do espírito de vingança do homem ordinário em relação ao homem superior<sup>37</sup>, o resultado do novo jogo de dados coloca em xeque o valor da produção

---

<sup>36</sup> Esquivos, envergonhados, desalentados, qual um tigre cujo bote falhou: assim, ó homens superiores, eu os vi, muitas vezes, apartar-vos sorratamente. Um lance se vos havia malgrado.

Mas, ó jogadores de dados, que importância tem isso? Significa apenas que não aprendestes a jogar e chacotear como se deve jogar e chacotear! Não estamos sempre sentados, porventura, a uma grande mesa de jogo e de chacota? (NIETZSCHE, 2010, p. 341, §14)

<sup>37</sup> “Olha, esta é a toca da tarântula! Queres ver a própria tarântula?  
Eis a sua teia; mexe nela, para fazer balançar.

oriunda da razão calculadora, que por tanto tempo foi a matriz de toda criação filosófica, fazendo com que os filósofos se perdessem numa grande mesa de “chacota”, como o texto aponta.

Contata-se que a relação entre os conceitos de vontade de verdade e vontade de poder certamente estão numa conexão com duas fórmulas distintas de modos pelos quais os filósofos estão dispostos ao exercício da criação filosófica. O filósofo determinado pela vontade de verdade é o representante da vingança e do mal manuseio dos dados, preso na sua própria impotência de encarar o jogo do devir, ele apela ao artifício da múltipla rolagem de dados, apostando na probabilidade e no cálculo de uma rolagem vitoriosa. O sentimento de vingança derivado do ressentimento que o homem determinado pela vontade de verdade tem é a causa do aprofundamento dos instintos que levam a razão ao seu pleno desenvolvimento, a razão é a ferramenta que auxilia o homem reativo no desenvolvimento de trapaças e subterfúgios para alçar-se a uma posição que não lhe é própria, sentando-se na lua como o sábio do imaculado conhecimento, imperturbável e aparentemente olhando para as coisas da terra com um olhar frio e impassível, com o olhar do cálculo e da ciência. Mas essa postura austera é apenas uma fachada, mais um truque, assim como na metáfora da falsa gravidez da lua, as imagens que se referem ao homem que é definido pela vontade de verdade é sempre um homem de estratagemas e artimanhas para ludibriar e enganar, mesmo que de maneira inadvertida, mesmo que tenha o ideal da verdade como estandarte.

O filósofo imbuído da vontade de poder é dotado das duas qualidades essenciais para uma criação autenticamente singular, a saber: amar e destruir. Essa combinação é essencial para a formulação de uma filosofia afirmativa, pois é preciso amar tudo que foi e será, enquanto história, para que o ressentimento não possa consumir o espírito filosófico e também é preciso saber destruir os ídolos criados através do elo do amor, saber bater com o martelo em tudo aquilo que não agrega ao trabalho e a nova obra, ou muitas vezes saber moldar aquilo que restou dos ídolos para então faze-los seus, esse foi o trabalho de Nietzsche ao moldar um novo Platão e um

---

Aí vem ela, prontamente. Bem vinda, tarântula! Negro trazes nas costas o teu triângulo e emblema; e sei, também, o que trazes na alma.

Vingança, é o que trazes na alma: onde quer que mordas, cresce uma negra escara. Com vingança faz teu veneno a alma rodopiar!

Assim falo convosco por imagens, vós que fazeis a alma rodopiar, vós pregadores da igualdade! Não passais de tarântulas e bem ocultas almas vingativas! (NIETZSCHE, Assim falou Zarathustra, pág 129).

novo Sócrates para utiliza-los e extrair aquilo que era benéfico para sua própria criação filosófica.

No lance de dados então, o filósofo dotado de forças ativas e abandonado ao acaso é o jogador da terra e que afirma cada acontecimento passado, presente e futuro, sem a contaminação do ressentimento, ele joga a partir de sua própria sorte e destino, buscando sempre a superação de si e assim superando também o passado, quebrando com o ciclo do devir reativo, e com o eterno retorno do homem ordinário, seu devir é diferenciado, pois não possui uma meta de antemão, uma finalidade, tal como o homem do imaculado conhecimento, mas a constante superação do homem, um devir ativo, fonte de singularidades que surgem como dardos para a obliteração do ideal da verdade.

## CONCLUSÃO

Procuramos mostrar nas páginas anteriores o sentido do conceito de vontade de verdade no âmago do pensamento Nietzscheano. Decifrando as incontáveis imagens que foram apresentadas por Nietzsche no decorrer da investigação. A primeira imagem apresentada foi a do par Édipo e Esfinge na primeira seção de *Além de bem e mal*, que de maneira análoga às imagens *das três metamorfoses do espírito* representam as transformações que ocorrem na consciência filosófica, a saber: a) Uma fase em que a consciência filosófica está subjugada pela vontade de verdade, b) Uma fase em que a consciência filosófica está apta ao enfrentamento e questionamento da vontade de verdade, c) A fase em que existe um total colapso das estruturas que fundamentavam essa vontade de verdade e abrindo o caminho para um novo experimento filosófico.

Uma vez mostrado o impacto da vontade de verdade na história da filosofia, podemos então partir em busca da causa dessa vontade. Nos deparamos então com uma das maiores figuras da tradição filosófica, a saber, Platão. Nietzsche identifica em Platão e no platonismo (pensamento posterior, derivado das reflexões platônicas) o grande mal responsável por seduzir a consciência filosófica à um rumo que valoriza a verdade e o cálculo, ao mesmo tempo que relega o trabalho artístico da filosofia à um segundo plano.

Nietzsche entende que a censura realizada pelo pensamento platônico aos outros ‘instintos’ filosóficos gerou um estado de atordoamento e nivelamento de toda consciência que alçava um voo genuíno do pensamento, mas que era prontamente bloqueado por conceitos que aprisionavam o pensamento ocidental num eterno retorno do ressentimento. Esse ressentimento impregnou o espírito da Europa e o manteve atordoado diante do avanço crescente do platonismo, que teve diversas máscaras com o passar do tempo. Primeiro com o cristianismo, que é a forma religiosa do pensamento platônico, depois com o cientificismo moderno e por fim com o estado de direito positivo e a democracia.

Assim, Nietzsche se utiliza da ferramenta do martelo filosófico para demolir e auscultar tais ídolos, mostrando o som oco que saí de cada simulacro e assim tirando

também o seu valor enquanto obra. Esclarecendo aquilo que ele entende por transvaloração dos valores e o seu filosofar com o martelo. A filosofia do martelo também é ferramenta de transformação, pois também serve para modelar as esculturas de grande valor ao modo pelo qual o artista deseja retratar a obra. Desse modo, Nietzsche usa essa função do martelo para modificar o Platão histórico e torna-lo seu, uma figura que ele pode combater e retirar disso uma filosofia própria.

No segundo capítulo nós buscamos explicitar o sentido do conceito de vontade de poder no pensamento de Nietzsche. Visto que esse conceito possui uma relação muito estreita com o conceito de vontade de verdade. Sendo assim, era imprescindível formar uma visão clara do conceito antes de prosseguirmos com a investigação e analisar os dois conceitos na sua relação.

Ao analisar o conceito de vontade de poder, identificamos logo uma grande dificuldade na hora da definição, pois enquanto conceito plástico e passível em relação ao devir ele se furta uma definição objetiva, dificultando uma compressão concreta do objeto em questão. Podemos apenas caracteriza-lo através de alguns adjetivos como: plástico, mutável, mas apenas pela deficiência da própria linguagem em descrever aquilo que no fundo não possui um significado mensurado.

Dada essa dificuldade intransponível, ficamos então com as definições aproximadas daquilo que representa o conceito de vontade de poder, a saber: força, sentimento, mutação, princípio e plasticidade. Também descobrimos com o avanço da investigação que vontade de poder tem duas qualidades ulteriores, são elas: amor e morte.

O par amor e morte (ἔρως/Χάος) é uma referência nietzschiana ao par mitológico responsável pela criação de todas as coisas no mundo, Nietzsche então assevera que para a formação de uma obra, é necessário estabelecer uma tensão entre esses dois elementos que compõem a força geradora de vida. Criar é para Nietzsche a justa medida entre amar e destruir. Podemos pensar nisso como uma ambiguidade ao confrontarmos a obra e achar confuso esse tipo de afirmação, mas basta mergulhar no âmago da obra que vemos todos esses conceitos relacionados num todo coerente com a proposta feita por Nietzsche de uma filosofia que não joga a partir de das regras usuais.

Constatamos então o sentido de vontade de poder como uma força geradora de vida, passível de ser modelada de acordo com a capacidade de medir a tensão entre o par elementar: amor e morte. O elemento do 'amor' se refere ao conceito de 'amor fati' que Nietzsche formula esse conceito para se referir ao ato de abraçar de maneira heroica todo o passado, presente e futuro, tomar o destino e afirma-lo, como uma forma de

combate ao ressentimento que busca tomar o espírito daquele que busca a afirmação do eterno retorno. *Amor fati* é a afirmação do eterno retorno e junto com isso a afirmação da vida como ela é, da pura eclosão do aparecer, do abandonar-se ao mero acaso, ao jogo inocente da criança que é vista na terceira metamorfose do espírito.

Atingido o objetivo proposto no segundo capítulo deste trabalho, podemos então passar à buscar extrair ao máximo da obra de Nietzsche o significado do paralelo entre vontade de verdade e vontade de poder nas determinações que lhe são próprias, seguindo o rastro deixado pelas imagens que Nietzsche pôs e que revelam o sentido fundamental destes conceitos.

Vimos que para representar o conceito de vontade de verdade Nietzsche usou da alegoria em que mostra uma falsa gravidez da lua, uma clara associação entre a verdade e a mentira no âmbito do pensamento ocidental, pois se toda ideia batizada como “verdade” na tradição do pensamento for concebida a partir dessa falsa gravidez, podemos então concluir que a verdade e a mentira são oriundas de um mesmo âmbito, de uma sede gananciosa pela “verdade” que convém à um determinado tipo de vida, que é o modo de vida do sacerdotal, fruto do ideal ascético.

O ideal ascético foi abordado no referente trabalho segundo a imagem do sábio da lua, que vive segundo uma dualidade no seu modo de vida, entronizado nos céus e contemplando as belas do imaculado conhecimento, porém com olhos cobiçosos na terra que ele mesmo condena e reprime, censurando-a e definindo-a como uma desgraça para aquele que deseja o conhecimento. Podemos, segundo o auxílio da visão nietzscheana, perceber esse mesmo movimento em alguns personagens da tragédia filosófica, como: Platão, Agostinho, Kant. Então circunscreve-los numa tipologia própria de pensador, aquela que devota ao conhecimento puro mais valor que ao mundo fenomênico do devir.

Após este introito, a dinâmica entre vontade de verdade e vontade de poder é apresentada na forma de um jogo de dados filosófico, em que cada vontade é tida como um modo de jogo diferente. O jogo desenvolvido pela vontade de verdade é proveniente de uma falta de manejo com dados e, portanto, deve sempre recorrer à malícia do jogo viciado, magnetizando os dados jogados para que a partir da probabilidade e o cálculo de possibilidades poder sempre adquirir o resultado desejado. O resultado viciado dos dados da vontade de verdade é responsável por manter o status quo do tabuleiro, num completo estado de alteridade, travando o jogo num eterno retorno do jogo viciado e de filosofias que funcionam como avatares da filosofia platônica.

No que concerne à rolagem de dados da vontade de poder nós temos um resultado diferenciado, seu jogo é desenvolvido no fundamento da inocência e no acaso, no jogo leve que é típico da criança (imagem da terceira metamorfose), os dados filosóficos estão então completamente desmagnetizados daquela força reativa que tinha a meta de viciar o jogo em resultados predeterminados. Com a vontade de poder tomando as rédeas do jogo filosófico temos possibilidades infinitas de resultados para as rolagens de dados.

Encerramos o presente trabalho concluindo que os dois conceitos abordados fazem parte do mesmo do mesmo jogo filosófico e, portanto, possuem uma ligação íntima entre si. Porém operando a partir de dinâmicas próprias, a vontade de verdade como sendo originada no interior do ressentimento e por isso tem o ideal da verdade e do ideal ascético como finalidades últimas do pensamento. Já a vontade de poder como é mais abrangente é por si só a fonte da vontade de verdade, asseverando as palavras ditas por Zarathustra ao sábio do imaculado conhecimento.

Constatamos também que está em jogo para Nietzsche o problema relegado pela tradição da filosofia ocidental, a saber; o problema da verdade enquanto valor. Problema esse que é suscitado pelo conflito entre o a Esfinge e Édipo, entre o leão e o dragão, gerando no interior do embate (Πόλεμος) pela verdade uma alternativa paralela. A disputa pelo valor da verdade faz com que Nietzsche traga à tona um novo modo de pensar, que ele chamará de perspectivismo, um modo singular que não terá mais o paradigma do ideal da verdade como valor supremo, mas apenas a pulsão (Trieb) interna dos afetos como medida dos valores supremos.

Certamente, que é com essa doutrina perspectiva dos afetos que Nietzsche pode enfim realizar o seu projeto de transvaloração dos valores, se utilizando do martelo filosófico para determinar os ídolos que ainda possuem algum valor e os que não possuem, tarefa que jamais poderia ter sido feita por uma filosofia comprometida com o ideal da verdade, que mantinha os ídolos muito bem guardados e livres de qualquer análise para verificar se ainda tinham algum valor para a vida.

A história da filosofia para Nietzsche pode ser nomeada como a história do “erro”, dado que se ele nomeasse como a história da mentira, acabaria por inverter o sentido e o valor da verdade ao seu propósito, mas voltaria a incorrer no mesmo “erro” que os filósofos até então cometeram. O erro de entender a filosofia como um meio para alcançar uma suposta verdade, universal, imutável, verificável. Justificando assim a frase proferida por ele em *Além de bem e mal*, o qual ele faz uma pergunta fundamental

para a tradição filosófica: “Por que não a inverdade, ou a insciência?”.

Nietzsche torna-se, através dessa pergunta fundamental, uma pedra no sapato da tradição filosófica, assim como Kant, ele entra para a história da filosofia como aquele revolucionário capaz de pôr em xeque todo discurso filosófico que foi proferido antes dele e determinando os discursos seguintes. Sendo um marco importante e influenciador de gerações de filósofos que terão de pensar a filosofia a partir de um novo paradigma, o paradigma do indagador que deve com a Esfinge aprender a propor uma nova fórmula de indagar.

Não deixa de ser irônico e até cômico o fato de que para Nietzsche toda verdade, até então, foi no fim uma invenção e quem sabe, talvez, uma grande mentira?

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zarathustra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira (18 edição), 2010.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. - São Paulo: Companhia das letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. - São Paulo: Companhia das letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Crepúsculo dos ídolos**. Tradução de Jorge Luiz Visenteiner. -Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **O anticristo**. Tradução: Rubens Eduardo Frias, 12. Ed. - São Paulo: Centauro, 2005.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. - São Paulo: Companhia das letras, 2008

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. -São Paulo: Companhia das letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. - Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. – (Coleção textos filosóficos).

\_\_\_\_\_. **Segunda consideração intempestiva**. Tradução de Marco Antônio Casanova. – Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2003 – (Conexões; 20).

Kant, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Trad. e notas de Fernando Costa Mattos, Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção pensamento humano).

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche e para além de bem e mal**. Zahar. 2 edição.

MARTON, Scarlett. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Sendas e veredas)

PLATÃO. **A república**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3 edição. Belém: EDUFPA, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Lógicado sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Forte, São Paulo, Editora Perspectiva.

HERÁCLITO, de Éfeso. **Heráclito: Fragmentos contextualizados**. Tradução, apresentação e comentários Alexandre Costa. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

DIAS, Rosa/VANDERLEI, Sabina/BARROS, Tiago. **Leituras de Zarathustra**. – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

<http://www.nietzschsource.org/>

SÓFOCLES. **Édipo rei**. Trad., introdução e notas. Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Odysseus Editora, 2015.

AGOSTINHO, Santo. **A trindade**; [Tradução do original latino e introdução Agostinho Belmonte; revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira]. – São Paulo; Paulus, 1995 – (Patrística).